

Bloco 2 - Sintaxe do Português  
**Leitura obrigatória 1**

**Um problema transponível nas operações de análise sintaxe:  
Divisão em Orações**

Maria Célia Lima-Hernandes (LinC-USP/CNPq)

Todos os anos, quando a disciplina *Sintaxe do Português I* já está em andamento há meses, presencio uma dificuldade considerada intransponível por grande parte dos alunos: a divisão do período composto em orações<sup>1</sup>. Mesmo que os comandos dados durante o processo de formação aparentem certa simplicidade, continuamente os equívocos (do ponto de vista do aluno) e os erros (do ponto de vista do professor)<sup>2</sup> revelam que essa simplicidade precisa ser casada com o conhecimento da complexidade histórica e sincrônica da língua sob análise.

Eis os comandos que os professores de português apresentam a seus alunos:

1. identifique os verbos/predicadores (para cada verbo, haverá uma oração);
2. localize as conjunções (antes delas, coloque uma barra de cisão);
3. numere as orações sequencialmente.

Ocorre que há um erro de origem encravado nas aulas de sintaxe. Esse erro baseia-se nos tipos de verbos normatizados pelos estudos gramaticais: verbo de ligação, verbo principal e verbo auxiliar. Como reconhecer se um verbo é uma palavra ou uma sequência delas?<sup>3</sup> Como reconhecer a locução verbal? A tipologia de verbos estagnada em fases centrais de mudança linguística (só as fases em que o reconhecemos como representante de uma classe de palavra) não permite ao aluno trabalhar com a dinâmica de usos que está presente em sua língua materna. Seria preciso ter a consciência de que um verbo de ligação (Maria é bonita/Maria está bonita) também pode ser um verbo de estado e que pode gerar muitos tipos oracionais. Também seria preciso saber que um verbo pleno (verbo principal) pode se tornar um verbo de ligação ou um verbo auxiliar.

Além disso, uma outra informação precisaria ser explicitada: quando um verbo X passa a uma classe Y, em suas fases intermediárias existirão ambiguidades estruturais em alta proliferação. Nem sempre, contudo, as enxergamos. Isso dependerá da elevação da consciência para esse fato. Essa consciência é deflagrada, invariavelmente, nas aulas

---

<sup>1</sup> Uma frase pode conter uma oração (período simples) ou várias orações (período composto).

<sup>2</sup> 1 A diferença entre erros e equívocos reside na diferença de consciência sobre o fato. O professor de português, por exigência da profissão, deve se tornar um perito em sintaxe, mas seu aluno deve aprender a aplicar as orientações aos dados analisados. Logo, a consciência autobiográfica do professor assenta-se num grau de complexidade maior do que a consciência protossself do aluno, que está sendo treinado para enxergar a língua em suas estruturas abstratas. Para saber sobre graus de consciência, indico a leitura de António Damásio (*A construção do cérebro consciente*). Há também um outro livro intitulado *E o cérebro criou o homem*, do mesmo autor.

<sup>3</sup> Uma sequência de palavras correspondente a um único verbo chama-se *locução verbal*. Também é chamada de perífrase verbal.

de língua portuguesa, momentos em que o professor apresenta leituras com riqueza e complexidade gradativa de construções (aprendizagem implícita) ou por meio de ensino de gramática (aprendizagem explícita). Nenhuma dessas ocasiões, até onde posso conceber, produzirão o êxito sem uma ferramenta importante para ativar consciências: o empenho em querer enxergar por meio de aprimoramento pessoal (papel do aprendiz e do futuro professor). Em alguns desses lugares não centrais de classificação (ou não categóricos quanto aos traços centrais da classe a que pertencem), ocorrem deslizamentos funcionais em virtude de reanálises<sup>4</sup> (processamento cognitivo que produz um rearranjo para atender à compreensão dos usuários da língua), as quais produzem resultados nem sempre alinhados com a classificação trabalhada pela escola. Sobre alguns desses casos, vamos conversar a partir de agora.

## I. A identificação dos tipos de verbos

Analisar sentenças simples (períodos simples), compostas por um único verbo, tal como os exemplos de livros didáticos expressam, torna a tarefa de compreensão da análise sintática superficial e artificial, já que os dados reais (em uso) na língua portuguesa falada/escrita por brasileiros sofreram fantásticas mudanças ao longo do século XX por algumas razões. Dentre essas motivações, citam-se a despreferência pelo ensino da normatividade nas escolas básicas (abandono da formação consciente) e a fragilização (talvez consequente) da fronteira sempre bem demarcada entre modalidades de língua (língua falada e língua escrita), além do advento de novas formas de comunicação com linguagem híbrida, por exemplo.

Se tomarmos por princípio que uma oração corresponde à presença de um verbo, admitiremos, pelo menos na forma de expressão, uma incongruência ou irrealidade na maioria das sentenças que projetamos. Se considerarmos, ainda, que alguns verbos demandam uma sintaxe típica, descartando a necessidade de um termo essencial como o sujeito (Há gente nesta sala), então percebemos que o problema talvez esteja também nos rótulos empregados no ensino básico.

Antes de passarmos ao tratamento da forma verbal propriamente dita, torna-se imperioso lembrar de que a classe de palavras *verbo*, quando vista durante os procedimentos de análise sintática, deve ser chamada mais propriamente de predicador, pois é ele o item que distribui outras funções pela sentença ou constitui-se como ponto de partida para a análise e identificação de elementos que o preenchem semanticamente, os chamados no estruturalismo norteamericano de “argumentos”<sup>5</sup>. Também é preciso nomear a frase<sup>6</sup> como período<sup>7</sup> ou cláusula complexa.

Feito esse ajuste na nomenclatura, passemos a outro fato: variados linguistas utilizam rótulos estruturalistas (concepção de língua: uma estrutura) para lidar com conceitos funcionalistas (língua é um sistema semântico) ou para se beneficiar dos avanços da Linguística Cognitiva (língua é um sistema pragmático-semântico). Usar

---

<sup>4</sup> 2 A reanálise é um fenômeno cognitivo com efeito na sintaxe. Em gramáticas históricas ou compêndios de Linguística Histórica a reanálise é focalizada com fenômeno puramente sintático.

<sup>5</sup> argumento externo é sujeito; argumento interno é objeto.

<sup>6</sup> A delimitação da frase fica dependente de presença de ponto-final ou de conclusão de conteúdo informativo.

<sup>7</sup> A lógica é bem simples: para cada predicador verbal, haverá uma oração a ser analisada. Período simples: um predicador/uma oração; dois ou mais predicadores/duas ou mais orações.

sintagma para nomear porções/pedaços de informação cujo centro funcional está bem sinalizado em correspondência de nome: um substantivo = sintagma nominal, um adjetivo = sintagma adjetival, um verbo = sintagma verbal, etc. (construções concêntricas e recursivas) mesmo quando o que está sendo analisado impede esse fracionamento é desconsiderar a dinâmica da língua.

É preciso ter em mente que fragmentar pedaços de orações pode surtir como resultado fragmentação de informação. É possível que um predicador verbal seja composto por um conjunto de informações (e palavras) dentre as quais figure um nome, por exemplo (Exemplo: *dar uma olhada*). Nesse momento, será preciso ter consciência de que “uma olhada” deve ser considerado parte do sintagma. Identificar corretamente um verbo pressupõe ter como conhecimento preliminar que os verbos podem assumir variadas configurações em português. Vejamos os casos e os exemplos extraídos da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*:

**1. Verbo Pleno:** um verbo que, sozinho, figure como predicador verbal na sentença ou que, numa locução típica<sup>8</sup>, determine a distribuição de funções.

Ex1: O general já consultara uma dúzia de médicos (p.74)

Ex1a: O general já houvera consultado uma dúzia de médicos.

**2. Verbo de ligação/estado:** um verbo ou uma locução que estabeleça uma relação sintática entre dois núcleos nominais. Do ponto de vista semântico, esse predicador dá origem a um tipo construcional muito interessante para o revestimento avaliativo por meio de uma construção equativa.

2.a) indicam um estado, ou seja, uma situação não-dinâmica. Os itens envolvidos na predicação não são afetados.

Ex.: Como está nhã Maricota? (p.10)

2.b) indicam uma avaliação ou descrição.

Ex.: A gente até parece bobo, dizia. (p. 20)

2.c) indicam, num período composto, uma equação entre as duas informações mediadas pelo verbo.

Ex(c): Isto é álcool puro, bom, de cana, não é de batatas ou milho... (p.6)

**3. Verbo auxiliar:** equivale ao verbo em primeira posição na cadeia verbal de uma locução V1+V2. Esse verbo é o responsável por carregar as marcas gramaticais normalmente codificadas no verbo principal (tempo, pessoa gramatical, modo).

(3a): eis a razão por que estava organizando um código de relações (p.13)

(3b): A emoção tinha sido forte, toda a sua natureza tinha sido lavrada, baralhada, com a ideia daquele furto que se queria fazer ao seu mérito. (p. 43)

(3c): A força de ideias e sentimentos contidos em Quaresma se havia revelado em atos imprevistos (p.22)

---

<sup>8</sup> Locução típica é aquela composta por verbo auxiliar (os descritos nas gramáticas normativas) + verbo principal.

Essa configuração mais complexa, composta por sequências maiores de informação que desempenham o papel de predicador (verbo), são tratadas na Linguística como V1+V2. São as locuções verbais (ou perífrases verbais), ou seja, um conjunto encadeado de informações, o qual assume a função de um só predicador ou uma só ação.

## II. Descrição das Locuções verbais - compostas por V1 + V2

Quatro são os tipos bem descritos de locuções verbais no português, sendo que somente alguns deles são explanados no ensino básico.

### 2.1. Locução verbal com verbo auxiliar

Assumem a configuração formal seguinte: V1 (item gramaticalmente auxiliar) + V2 (item semanticamente principal). Os verbos auxiliares (aux) são aqueles que, ao longo da trajetória de usos na língua portuguesa, foram perdendo carga semântica (erosão semântica ou *bleaching*) e passaram a acompanhar outros verbos especialmente carregando suas marcas gramaticais. Além disso, o aux é chamado de verbo funcional por desempenhar função mais gramatical do que o verbo principal da locução constituída, que apresenta função semântica.

O verbo *estar* historicamente é um verbo posicional, ou seja, ele indica a posição vertical do corpo do indivíduo no espaço físico, sendo equivalente a valor semântico de: estar em pé. Com o tempo, ele sofreu o desbotamento desse traço de posição no espaço físico, e passou a sinalizar tão somente a manutenção temporal da presença do indivíduo: Estou aqui (estou em pé aqui) > estou aqui (permaneço aqui).

O verbo principal é o real predicador porque ele permite reconhecer o valor semântico em uso e distribui os papéis semânticos dos itens com que se combina sintaticamente, ou seja, a semântica do verbo principal é que determina que tipos de complementos, de adjuntos e de sujeito podem integrar a construção. Por exemplo, o verbo *comer* deve ser completado por algo que tenha atributos semânticos passíveis de digestão. O verbo de movimento pede um espaço físico para essa locomoção ou um espaço físico como ponto de chegada desse movimento.

No entanto, como o aux já explicita as marcas gramaticais (número, pessoa, modo, tempo), resta ao verbo principal permanecer em uma das formas nominais mais neutras (gerúndio, particípio ou infinitivo). Exemplo: *Estou escrevendo* aqui. Ao longo do tempo, o verbo *estar* deixou de ser um verbo pleno e passou a desempenhar a função de verbo auxiliar. Nesse sentido, pode-se dizer que ele sofreu um processo de gramaticalização (tornou-se com funções mais gramatical do que lexicais), abandonando alguns traços semântico-lexicais. Vejamos alguns exemplos:

- (a) Quaresma estava lendo aquele famoso período (p.4)
- (b) Eu tenho experimentado tudo, Quaresma, mas não sei... não há meio! (p.83)

Alguns verbos auxiliares desempenham função aspectual, ou seja, marcam fases de desenvolvimento de uma ação em sua duratividade e conclusão (perfectividade ou imperfectividade). Esses verbos aspectuais, além de seu caráter gramatical (Aspecto, propriamente dito), ainda expressam fases de desenvolvimento da ação indicando-lhes o tempo de duração. Sendo assim, alguns verbos contribuem com o sentido gramatical

do verbo principal, expressando-lhes fases de desenvolvimento da ação. São os verbos aspectuais propriamente ditos.

## **2.2. Locução verbal com verbo quase auxiliar** – composta por V1 (item quase auxiliar) + V2 (item principal)

Neste conjunto de verbos, identificamos em posição de V1 os verbos que contribuem não somente com as funções gramaticais do verbo principal, mas ainda com informações semânticas (sentido de V2) e pragmáticas (intenção do falante/escritor) cifradas no que diz ou escreve.

**a) verbos modais:** expressam um sentido particular que contribui com o sentido do verbo principal. Dessa forma, esse tipo de verbo permite que compreendamos a intenção do interlocutor e codifiquemos a nossa própria intenção em relação à ação do verbo principal (Funções pragmáticas). Aprender e ensinar o emprego desses verbos na língua materna produz um avanço positivo nas técnicas de leitura. Em suma, é uma informação atinente ao sujeito da ação verbal.

Exemplos:

Ex11: Todas elas, embora solteiras, davam conselhos, sabiam as casas barateiras, as peças mais importantes e as que podiam ser dispensadas. (p.17)

Ex12: na sua opinião, já devia ter feito todo o esforço para ocupar a ilha das Cobras, embora isso custasse rios de sangue. (p.82)

**b) verbos aspectuais de caráter lexical** (Aktionsart)<sup>9</sup>: são verbos comumente chamados de denotadores do modo da ação verbal codificada pelo verbo principal. Há autores que incluem esses verbos num conjunto semântico atrelado ao modo da ação. Outros os incluem no conjunto dos aspectuais.

Ex13: Eu queria ver esses meninos bonitos, cheios de “xx” e “yy” em Curupaiti, hein, Caldas? (p. 19)

Ex14: Moças e rapazes começaram a se amontoar na calçada para ouvir o menestrel. (p.7)

Ex15: A rapariga acabou de cantar e Ricardo não se pôde conter (p.43)

Retomemos, a diferença entre a Aktionsart e o Aspecto na locução verbal:  
Aktionsart → modifica o significado lexical do verbo principal;  
Aspecto → desempenha função gramatical e contribui para o sentido do verbo principal.

Sugiro a leitura da tese de Eduardo Nadalin, depositada no moodle como leitura adicional.

## **2.3. Verbos-suporte** – composto por V1 (item verbal aparentemente pleno) + Nome (substantivo, adjetivo ou advérbio).

---

<sup>9</sup> 3 Autores divergem quanto a Aktionsart ser uma categoria separada de Aspecto. É o caso de Ataliba Teixeira de Castilho em seu trabalho de 1968 e mesmo Othon Moacir Garcia, no livro Comunicação em Prosa Moderna. Devemos, no entanto, notar que esses trabalhos correspondem ao início da segunda metade do século XX. A ciência linguística, de lá para cá, tem produzido trabalhos profundos sobre o tema. Indico para leitura o de Eduardo Nadalin, que descreve o polonês.

Neste conjunto de verbos, vários desdobramentos devem ser compreendidos para que possamos, posteriormente, empreender divisões de orações com perícia (destreza e habilidade). Todo verbo-suporte (Vsup) surge de outras construções com verbo pleno e convivem com elas, daí os obstáculos que se impõem ao trabalho sintático.

O Vsup pode denunciar a ambiguidade estrutural em si e dois sentidos derivarão desse uso, se o leitor não estiver atento ao contexto da informação. É preciso ter atenção à intenção do produtor da sentença. Vejamos alguns tipos de Vsup a partir de exemplos do português do Brasil, extraídos de textos variados.

**a) Verbos de natureza psicológica (atitudinais):** rodar a baiana, chutar o pau da barraca, vestir a camisa, fazer força (esforçar-se), dentre outros.

Ex.: Você precisa me quebrar esse galho (Papai, me empresta o carro! – Rita Lee)

**b) Verbos de natureza físico-instrumental** (dar um parecer, pintar o sete, dar um nó)

Na minha idade você pintava o sete! (Papai, me empresta o carro! – Rita Lee)

Quarquê dia – digo – eu taco fogo nos tar...

Pra poder tirar um sarro com meu bem! (Papai, me empresta o carro! – Rita Lee)

**c) Verbos de percepção/sentimentos** (ter um insight, estar down)

... o Chico Luís não tirou o sentido dali (Cena de Amor – Valdomiro Silveira)

Não arrepare nisto, viu, nha Candóca? Eu tenho padecido tanto, que ‘tou agora quase sem força p’ra tanta felicidade. E eu lhe quero tanto bem! (Cena de Amor – Valdomiro Silveira)

**d) Verbos dicendi** (dar a palavra, falar sobre a bíblia, dar uma desculpa etc.)

Quando lhe deram licença de conversar com a pretendida, quis saber logo se sim ou se não podia arranjar as miudezas (Constância, Valdomiro Silveira)

Notemos que, na análise como Vsup, em cada locução apenas uma ação foi projetada, e essa ação envolve o componente à direita em seu sema como uma unidade de ação apenas. Os Vsup são verbos que, na grande maioria das vezes, derivam de uma construção menos abstrata com a mesma configuração verbal. Já, na análise que exclui a interpretação de Vsup, cada um dos verbos deve ser analisado como verbo pleno e o componente à direita como seu termo complementar com função sintática específica.

**2.4. Verbos Seriais** – compostos por V1 (item verbal aparentemente pleno) + E (pode ser substituído por uma pausa) + V2 (item verbal convictamente pleno)

Este conjunto de verbos é empregado em tipo de texto Narrativo, normalmente como um relato de experiência vivida. A parte do texto em que ele é necessário aparece justamente no trecho imediatamente sucedente ao clímax, às vezes sendo incorporado por ele. Codifica um desfecho atitudinal que figura como solução a um problema relatado ou a uma situação de exaustão da conformidade.

Invariavelmente, se dentro de um relato contínuo, pede a presença fronteirizada de um sequenciador discursivo “aí”: aí ele pegou e disse... Suas características mais

comuns derivam do fato de que V1 é esvaziado em sua semântica e a conjunção coordenativa não denota conexão coordenada entre duas orações, mas uma conexão entre a atitude repentina de um sujeito e a ação desse mesmo sujeito. Logo, há dois verbos, mas somente uma ação é codificada. Ambos os verbos permanecem flexionados na pessoa gramatical idêntica e o tempo e modo verbal também evidenciam [+identidade] de traços. Logo, há identidade de sujeito, tempo e modo nesses usos.

Alguns estudiosos desse tipo de verbo defendem que a serialização decorre da habitualização de uma ação. Com essa repetição de ação, haveria uma tendência ao apagamento das ações que são facilmente inferíveis. Vejamos um exemplo de narrativa extraído do texto *História Antiga*, de Valdomiro Silveira.

O candeeiro, por fim, ganhou a dianteira dos bois de guia, pegou na vara ferrada pelo cabo e pelo meio, ergueu-a, deixou-a um instante entre as juntas, a tremer sobre as cangas. (*História Antiga*, Valdomiro Silveira).

Há a presença de quatro ações realizadas pela personagem nesse excerto: (i) ganhou a dianteira dos bois de guia (ii) pegou na vara ferrada pelo cabo e pelo meio (iii) ergueu-a (iv) deixou-a um instante entre as juntas, a tremer sobre as cangas. Supondo que fossem ações habitualizadas, ou seja, essas ações seriam repetidas cotidianamente pelas pessoas que atuassem para provocar o efeito expresso na ação (4), então um Verbo Serial poderia emergir desse uso: [ganhou e deixou-a um instante entre as juntas...].

O que veríamos seria a primeira ação (a que dá início às demais) e o efeito dessas ações sequenciados numa só expressão verbal. No entanto, para ser um verbo serial, a sequência ainda precisaria ser reanalisada (concebido de outra forma pelos usuários da língua) de modo a que o V1 (no caso, ganhar) perdesse seu valor semântico-lexical e passasse a sinalizar uma mudança de atitude brusca. Vejamos os exemplos desse efeito:

Ex.: Aí eu virei e disse que não ia mais.

Ex.: Ela pegou e chutou a porta do carro.